

# A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NA CULTURA POP: OS CASOS STAR WARS E HARRY POTTER.

MILENA DE AZEREDO PACHECO VENANCIO<sup>1</sup>; ALEXANDRE FARBIARZ<sup>2</sup>

## Resumo

Muitas vezes a apropriação da diversidade na cultura dominante, pode acabar por esvaziar as culturas que a elas acabam sendo subordinadas, tornando-as parte de uma cultura homogeneizada e hegemônica. No entanto, quando as minorias conseguem espaço de representatividade de forma mais legítima e fiel a sua identidade, são questionadas pelos que não sofrem a opressão. O presente artigo tem por objetivo, discutir a representatividade do negro e, em alguns casos, da mulher, bem como as reflexões sobre identidade, alteridade e preconceito que incita, a partir dos casos do filme “Star Wars, o despertar da força” e da peça “Harry Potter e a criança amaldiçoada”, que tem o protagonismo de tais grupos considerados minoritários.

**Palavras-chave:** Representação, Identidade, Alteridade, Preconceito, Cultura.

## Introdução

Atualmente, a representação de padrões não hegemônicos como personagens da ficção tem conseguido maior relevância. Um exemplo está no novo episódio do filme *Star Wars*<sup>3</sup>, sobre o qual muito se comentou por causa dos protagonistas: uma mulher e um homem negro, este último sendo atacado por uma proposta de boicote à época do lançamento<sup>4</sup>.

Do mesmo modo, quando foi anunciado o trio de atores que protagonizam a peça de teatro que dá continuidade à história de *Harry Potter*, muitos disseram “estranhar” a escolha da atriz Noma Dumezweni, que é negra, para o papel da personagem Hermione, que é interpretada nos filmes pela atriz Emma Watson, de pele branca<sup>5</sup>. Quem questionou a escolha alegou que o estranhamento se deu pelo fato de o público já estar acostumado com uma atriz branca para o papel<sup>6</sup>. No entanto, as ques-

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense - UFF. E-mail: milena.pacheco@gmail.com.

2 Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense - UFF. E-mail: alexandre.farbiarz@gmail.com.

3 “Star Wars – o despertar da força”, sétimo filme da série.

4 “Contra protagonista negro, internautas lançam campanha de boicote ao novo Star Wars”. Disponível em <http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/10/1696080-contraprotagonista-negro-internautas-racistas-lancam-campanha-de-boicote-ao-novo-star-wars-nos-eua.shtml>. Acesso em 04/01/2016.

5 “J.K. Rowling aprova Hermione negra em peça de teatro de Harry Potter”. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/12/jk-rowling-aprova-hermione-negra-em-peca-de-teatro-de-harry-potter.html>. Acesso em 04/01/2016.

6 Alguns comentários surgiram, inclusive, fazendo referência a um trecho de um dos livros em que era dito que o rosto de Hermione ficou “branco” diante de um determinado acontecimento, de modo a reforçar a justificativa de que a personagem era branca. A autora J. K. Rowling explicou, então, que se tratava de uma forma de dizer que a personagem ficou pálida porque tinha levado um susto. Ver “J. K. Rowling fala sobre críticas racistas à Hermione de peça teatral de Harry Potter”. Disponível em <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-122035/> Acesso em: 16/09/2016.

tões que envolvem a discussão são muito mais complexas e preocupantes.

Originalmente, não há definição para a cor da pele da personagem nos livros da série *Harry Potter*. Esta informação foi confirmada pela autora J. K. Rowling ao declarar que a descrição da personagem era “olhos castanhos, cabelo crespo e muito inteligente”<sup>7</sup>, lembrando aos fãs da série que não havia menção à cor da pele de Hermione. A autora, aliás, também demonstrou estar satisfeita com a escolha da atriz que, inclusive, já foi premiada no teatro inglês<sup>8</sup>. Além disso, uma Hermione negra representaria com maior veemência o fato de a personagem sofrer preconceito na história por ser “mestiça”<sup>9</sup>.

Porém, o que leva ao incômodo causado por uma protagonista negra em uma narrativa de ficção cuja cor de pele não é característica necessária para a compreensão da personagem? Há nessa pergunta questões sobre alteridade, preconceito, identidade e representação a serem debatidas. Para um fã de *Harry Potter* que seja especificamente negro, se ver representado em um dos protagonistas pode significar muito, tanto quanto um negro protagonista em *Star Wars* ou mesmo uma mulher que protagoniza o mesmo filme com tanto ou mais força que a personagem da princesa Leia, protagonista interpretada por Carrie Fisher na primeira trilogia de *Star Wars*.

Nesse sentido, cabe discutir porque a representatividade importa e reivindicá-la incomoda tanto, especialmente no caso dos negros, que nos exemplos citados foram os casos de preconceito com maior repercussão<sup>10</sup>. Hall (2006a) certa vez disse, ao discutir a questão multicultural, que várias nações consideradas multiculturais têm em comum, por definição, o fato de serem heterogêneas. No entanto, lidar com tal heterogeneidade ainda é um tabu na sociedade. Os filmes citados conseguem, de algum modo, portanto, trazer à tona esta temática.

É necessário, porém, que se considerem os fatores econômicos e políticos responsáveis pela constituição das relações de poder. Tensões já históricas se reconfiguram desde o período colonial e o controle das minorias hoje já se dá de modo globalizado e descentralizado.

Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos do “alto” período colonial, persistem no pós-colonial. Contudo, essas relações estão resumidas em uma nova configuração. No passado, eram articuladas como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas. Atualmente, essas relações são deslocadas e reencenadas como lutas entre forças sociais nativas, como contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade

7 Idem.

8 A atriz Noma Dumezweni já venceu o prêmio Oliver, que reconhece anualmente a excelência do teatro inglês. Ver informação em “Apresentados atores que viverão Harry Potter, Hermione e Ron na peça *Harry Potter and the Cursed Child*”. Disponível em <http://revistamonet.globo.com/Filmes/noticia/2015/12/apresentados-atores-que-viverao-harry-potter-hermione-e-ron-na-peca-harry-potter-and-cursed-child.html>. Acesso em 06/01/2016.

9 Em Harry Potter, a personagem Hermione é chamada de “sangue ruim” por um dos personagens, com o sentido de ofendê-la. O termo, na história, significa uma ofensa aos bruxos que não possuem ascendência totalmente bruxa.

10 Embora se fale aqui de casos que evidenciam a baixa representatividade feminina e o preconceito contra a mulher, a questão do preconceito contra negros foi a escolha de pesquisa, tendo em vista a repercussão negativa da representação de protagonistas por atores negros em duas séries ficcionais de forte impacto cultural e alta popularidade. Ainda que a questão da representatividade feminina também seja relevante, neste artigo em específico, me aterei às questões de preconceito pela cor da pele. Os casos sobre a representatividade da mulher citados visam ilustrar e ressaltar a negação dos lugares de fala e preconceito demonstrado a minorias como um todo.

descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo. (HALL, 2006a, p. 56)

Devem ser observadas, portanto, algumas questões. Em primeiro lugar, há uma relação entre colonizador e colonizado presente no próprio sucesso de público em escala mundial das obras *Star Wars* e *Harry Potter*. As obras são representantes de como a cultura de nações colonizadoras ainda tem forte influência na cultura das nações antes colonizadas, como o Brasil, pois levantou questões acerca de nossa própria representatividade a partir de criações de outras culturas. No entanto, o principal traço dessa relação está no fato de ser, historicamente, uma relação de domínio da cultura branca e europeia sobre as demais culturas, consideradas “exóticas”, as quais foram apropriadas e suprimidas.

Porém, como bem colocou Hall (Ibid.), essas relações, atualmente, são reencenadas internamente em novas configurações. Logo, a dominação e controle sobre os grupos que têm menor representatividade se dá dentro da própria estrutura de sociedades que se dizem multiculturais, e que, ao menos no que diz respeito à diversidade populacional, de fato o são. Nesse sentido, cabe compreender o que seria o caráter multicultural tão divulgado não somente pelas sociedades americana e inglesa, mas também a sociedade brasileira. Discussão que também será considerada para entender a questão da representatividade cultural em nossa sociedade, ainda que a partir de uma estética hegemônica, bem como o fato de ser inegável que as obras *Star Wars* e *Harry Potter* geraram discussões consideráveis junto ao público brasileiro. No entanto, ressalta-se a necessidade de discussão sobre a questão da representatividade do negro e da mulher também em produções nacionais.

Um exemplo desta discussão em nível nacional pode ser encontrado na série *Mister Brau*, da Rede Globo de televisão. Com um casal negro como protagonista, interpretado pelos atores Taís Araújo e Lázaro Ramos, a produção conta a história do personagem-título, que faz sucesso, enriquece e passa a morar com a esposa ao lado de um casal de brancos esnobes. A produção traz uma reflexão interessante sobre preconceitos de classe e cor, já sendo elogiada por veículos nacionais e internacionais<sup>11</sup>.

Retornando às obras em estudo, deve ser ressaltado que são produzidas no âmbito da indústria cultural. Segundo Kellner (2001) quando analisa a Escola de Frankfurt, a indústria cultural apresenta as mesmas características de outros produtos fabricados em massa: transformação em mercadoria, padronização e massificação. Nesse sentido, deve ser considerado o sucesso comercial de *Star Wars* e *Harry Potter*, enquanto produto midiático. “*Star Wars* – o despertar da força” teve uma renda de estreia estimada no Brasil de R\$9,5 milhões, arrecadando entre US\$50 milhões e US\$55 milhões na pré-estreia nos Estados Unidos<sup>12</sup>. No caso de *Harry Potter*, até o lançamento do último filme a série

11 Em artigo, o *The Guardian* comentou a baixa representatividade de negros em produções televisivas brasileiras, citando a série como um exemplo bem-sucedido. O jornal também ressalta dados sobre o racismo no Brasil: segundo pesquisa da USP, 96% dos brasileiros dizem não acreditar que exista racismo no país; no entanto, 99% afirmam conhecer alguém racista. Contradição que reflete bem o mito da democracia racial ainda tão difundido no Brasil. Disponível em <http://www.geledes.org.br/mister-brau-da-globo-e-noticia-no-reino-unido-por-abordar-racismo>. Acesso em 15/01/2016.

12 Ver “*Star Wars* – o despertar da força’ estreia quebrando recordes no Brasil e EUA”. Disponível em <http://cinetop.com.br/star-wars-o-despertar-da-forca-estreia-quebrando-recordes-no-brasil-e-eua-109524>. Acesso em 06/01/2016.

já contabilizava mais de 400 milhões de livros vendidos em 69 idiomas e bilheteria mundiais superiores aos US\$6 bilhões<sup>13</sup>, e para a peça “Harry Potter e a criança amaldiçoada” foram vendidos 175 mil ingressos apenas nas primeiras oito horas<sup>14</sup>.

Por outro lado, o autor americano ainda à luz dos pensamentos frankfurtianos, em especial Horkheimer e Adorno, ressalta que:

[os frankfurtianos] foram os primeiros a ver a importância daquilo que chamaram de ‘indústria cultural’ na reprodução das sociedades contemporâneas, uma vez que as chamadas cultura e comunicações de massa ocupam posição central entre as atividades de lazer, são importantes agentes de socialização, mediadoras da realidade política e devem, por isso, ser vistas como importantes instituições das sociedades contemporâneas, com vários efeitos econômicos, políticos, culturais e sociais. (KELLNER, 2001, p. 44)

Assim, séries como *Star Wars* e *Harry Potter*, ainda que dentro de uma cultura hegemônica, acabam por levar a uma discussão sobre representatividade, alteridade e preconceito. Seja pela presença destas questões em detalhes das obras originais, com a representação ficcional de discussões presentes na sociedade, seja pela escolha atual de protagonistas de estratos considerados minoritários. Porém, tais obras são, essencialmente, produtos de massificação cultural criados sob padrões que os tornam uma forma de entretenimento lucrativa.

Sendo assim, muitas vezes a apropriação da diversidade na cultura dominante pode acabar por esvaziar as culturas que a elas acabam sendo subordinadas, tornando-as parte de uma cultura homogeneizada e hegemônica. Portanto, visto o caso dos filmes se tratar de uma representatividade construída dentro desta cultura hegemônica, cabem alguns questionamentos: por que, em uma sociedade que se pretende multicultural, se prega o direito à representação do negro e da mulher, mas a partir do momento em que estes ganham um lugar de fala, há críticas? Seriam as reações negativas aos personagens um reflexo de que, ainda no âmbito da cultura *pop*, em que há uma grande diversidade de personagens, ainda não é aceito um negro interpretando um papel que “não é de negro”, visto que geralmente lhe são dados papéis secundários? Se sim, por que isso ocorre? Este artigo busca elucidar tais questões, especialmente a partir do pensamento de Hall (2006a, 2006b) e Bhabha (1998), no que diz respeito à representação, identidade, alteridade e preconceito.

### **Multiculturalismo, identidade e cultura *pop***

Em um primeiro momento, cabe esclarecer o conceito de cultura *pop*, para que se compreenda a necessidade de discutir a representatividade de minorias neste terreno. Não há uma definição absoluta do termo, porém, é comum às definições abordadas aqui o fato de ser uma cultura popular. Por outro lado, há uma forte associação dos produtos da cultura *pop* com a lógica de consumo.

13 Ver “Os números mágicos de *Harry Potter*”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/os-numeros-magicos-de-harry-potter/>. Acesso em 20/08/2015.

14 Ver “Peça de *Harry Potter* vende 175 mil ingressos em oito horas”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/teatro/peca-de-harry-potter-vende-175-mil-ingressos-em-oito-horas-17911957>. Acesso em 06/01/2016.

Atribuímos cultura *pop* ao conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante. (SOARES, 2013, p. 2)

Logo, a ideia de cultura *pop* está relacionada a produtos midiáticos que alcançam alta popularidade e, assim, possuem alto potencial de consumo, que carrega consigo a ideia de pertencimento a um mundo agora altamente globalizado. Porém, deve-se ressaltar que, por mais que se busque esse sentido de pertencimento a uma comunidade global comum, não se deve sobrepor as particularidades de cada cultura. Nesse sentido, se faz necessário compreender produtos midiáticos de sucesso como *Star Wars* e *Harry Potter* e seus papéis dentro de culturas que não as hegemônicas responsáveis por produzi-los e difundi-los.

Essa difusão de valores e estéticas de uma determinada sociedade para o resto do mundo, por meio de produtos midiáticos considerados *pop*, acaba, muitas vezes, por reforçar a predominância de uma cultura sobre a outra. Estas tensões não devem ser desconsideradas. Em função de tais questões, nasceu o conceito de multicultural. Sua definição perpassa certas questões, e em um primeiro momento, o principal é não confundi-lo com multiculturalismo, como bem argumenta Hall (2006a, p. 52):

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’. Em contrapartida, o termo ‘multiculturalismo’ é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais.

Tal definição já permite notar algumas diferenças entre como certas sociedades se definem e como de fato são. Nesse sentido, as sociedades ditas “multiculturais” não vivem sua diversidade em harmonia. Há tensões que levam à existência do multiculturalismo, de modo a administrar o multicultural. Mas, porque tais tensões?

Hall (Ibid.) lembra que há diferentes formas de multiculturalismo, incluindo aí formas que tornam a diferença rentável sem de fato lidar com ela. Além disso, historicamente, a diferença tem forte presença na sociedade mesmo antes da expansão europeia no século XV, especialmente em função de movimentos migratórios. Como bem comenta, “movimento e migração (...) são as condições de definição sócio histórica da humanidade” (GOLDBERG, 1994, *apud* HALL, 2006a, p. 55).

Com a expansão europeia, a mistura de povos e culturas se tornou inevitável. No entanto, a expansão estava preparada para dominar e subalternizar o outro, mas não para que este se inserisse em sua sociedade. E assim também se dá o processo de globalização. A transnacionalização do capital permitiu maior liberdade ao mercado, mas não às culturas. A heterogeneidade ainda soa como um

problema em sociedades historicamente colonizadoras, se refletindo em sociedades já descolonizadas, estas reprodutoras internamente do discurso colonizador.

No âmbito da indústria cultural há muitos exemplos de produtos feitos de modo a reproduzir a lógica cultural dominante, ao mesmo tempo em que geram lucro em escala global. Kellner (2001) analisa produtos midiáticos de sucesso mundial que demonstram o quanto a produção cultural hegemônica pode ser lucrativa, a partir da reprodução de discursos políticos que ajudem a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos. Segundo ele, “os textos culturais populares naturalizam essas posições e, assim, ajudam a mobilizar o consentimento às posições políticas hegemônicas (Ibid., p. 81).

No entanto, é importante lembrar que as produções culturais são responsáveis por fornecerem também recursos para a construção de identidades. Portanto, a representatividade se torna essencial. Uma vez que grupos são oprimidos nesta representação, enxergam os produtos da mídia de modo diferente do olhar privilegiado, representando uma visão crítica da cultura na sociedade (Ibid.). Logo, os próprios elementos constitutivos da cultura midiática fornecem possibilidades de reflexão e insurgência contra a opressão e desigualdade nas representações culturais, as quais refletem esta mesma opressão e desigualdade na realidade social.

Se, por um lado, a definição de multiculturalismo é proposta por Hall (2006a) como uma forma de resolver os problemas no âmbito do multicultural, Kellner (2001) apresenta, à luz de Giroux (1993), um *multiculturalismo insurgente* dentro da *pedagogia do oprimido* de Freire (1972)<sup>15</sup>. Nesse sentido, a indústria cultural, a partir da reprodução de discursos dominantes em detrimento da representação de grupos oprimidos, acabam por fazê-los ver sua própria opressão e reivindicar seu lugar de fala na cultura.

Contudo, a *pedagogia do oprimido* parte da ideia de que não são nem os opressores, nem os oprimidos os responsáveis pela libertação da sociedade ante a opressão e desigualdade. A proposta nesse caso, é de que todos se libertem em comunhão (FREIRE, 1987). Nesse aspecto, o *multiculturalismo insurgente* pode vir a falhar, uma vez que há diferentes grupos de opressores e oprimidos, e a identificação dos indivíduos se dá com determinados grupos, podendo levar à exclusão de outros (KELLNER, 2001).

Sendo assim, Hall (2006b, p. 21) observa que, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. Essa construção da identidade, segundo o autor definiria o “sujeito pós moderno”, descentrado e composto por uma multiplicidade de identidades, que podem ser, inclusive, contraditórias entre si. Assim, a identidade é mutável de acordo as diferentes identidades com as quais nos confrontamos.

Logo, uma pessoa pode não ser preconceituosa em relação à uma temática, mas ser intolerante

---

15 As obras de Giroux (1993) e Freire (1972), estão datadas na passagem acima de acordo com a obra citada por Kellner. Apenas o livro de Freire (1987) é diretamente utilizado neste artigo, em outra versão.

em relação à outra, visto que sua identificação com um grupo ou outro é constantemente deslocada, havendo possibilidade de que seu discurso seja, por exemplo, favorável ao feminismo e não tão sensível, por exemplo, ao racismo. Porém, nem todos assumem esta multiplicidade, sendo a contradição muitas vezes vista como uma espécie de fraqueza do sujeito. Hall afirma, porém, que achar que se tem uma necessidade plena e imutável é uma escolha do sujeito apenas por ser mais cômoda, o que o ele afirma ser uma “narrativa do eu” construída pelo sujeito de modo a confortá-lo.

Segundo Ricoeur e Arendt, *apud* Conceição e Amitrano (2011, p. 1) “[...] qualquer postura do sujeito no mundo e diante de si é comprometimento, é ação ética, é identidade. E o outro é condição *sine qua non* da identidade do sujeito”. Nesse sentido, entender a relação do sujeito com o outro, permite compreender como o sujeito se situa no mundo. Partindo do que diz Barbosa (2007, p. 13), à luz de Ricoeur, em que “narrar é uma forma de estar no mundo e dessa forma entendê-lo”, tudo o que o sujeito propõe em sua presença no mundo é, portanto, narrativa.

Assim, essa “narrativa do eu” é uma forma de confortar o sujeito e de situá-lo no mundo, construindo, assim, sua identidade. Considerando, então, o pensamento de Kellner (2001), de que as produções culturais fornecem recursos para a construção de identidades, é importante que tais produções representem o máximo de identidades possíveis, e não somente padrões culturalmente considerados hegemônicos. Ressalta-se que, segundo Hall (2006a, p. 59), “a tendência cultural dominante é a homogeneização”. Porém, na atual conjuntura social, a globalização, na verdade, causa efeitos diferenciadores. Tais efeitos, que antes só eram observados entre diferentes sociedades, agora também o são no interior das mesmas. Assim, a tendência tanto na cultura do colonizador quanto na do colonizado, que acaba por repetir o mesmo discurso, a homogeneização atua como uma espécie de conformador da diferença, o que é, inclusive, questionado por Bhabha (1998).

Portanto, é necessário um olhar sobre a diferença que o outro representa, bem como sua aceitação. E não somente aceitação no sentido de “tolerância”, o que, aliás, passa uma ideia de que a diferença não deve ser incluída, mas apenas tolerada. O exercício de alteridade vai além disso, e deve considerar, também, o poder da representatividade e sua necessidade na inclusão de minorias de forma igualitária na sociedade.

### **Discussão sobre alteridade a partir de *Star Wars* e *Harry Potter***

A questão da alteridade acarreta variadas discussões. Para Bakhtin (1997), que tem uma abordagem a partir do estudo da palavra e do discurso, a relação com o outro se dá em uma perspectiva dialógica. Segundo o autor russo, o “outro” é condição para a existência do discurso e para a própria compreensão que o indivíduo tem de si mesmo. O que demanda, inclusive, a compreensão deste “outro”, pois, de acordo com as palavras do filólogo, “se quero operar uma transposição que nos coloque, eu e o outro, num único e mesmo nível, devo, em meus valores, situar-me fora da minha própria vida e perceber-me como outro entre os outros” (Ibid., p. 76).

Porém, aqui será considerada a perspectiva de Bhabha (1998) sobre a questão da alteridade,

em que o autor propõe o conceito de ambivalência para interpretá-la. De acordo com essa proposta, o discurso do colonizador “produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um ‘outro’ e ainda assim inteiramente apreensível e visível” (Ibid. p. 111). Assim sendo, há uma apropriação do que é o colonizado para que este seja incluído na sociedade de acordo com os padrões hegemonicamente estabelecidos e aceitos. O que ajuda a compreender porque muitas vezes não se questiona a representação do negro e da mulher, pois estão representados de modo coerente com o discurso dominante. Segundo esta visão, eles são incluídos na sociedade a partir da exclusão de suas características identitárias.

Ora, uma vez que sujeito é interpelado por variadas identidades, mas estas sempre se mostram dentro de padrões dominantes, sua identificação pode se dar somente dentro destes padrões. A partir do momento em que se foge a estes padrões, a representação é questionada e até mesmo atacada como se fosse ilegítima. Os exemplos de *Star Wars* e *Harry Potter* reforçam essa compreensão. Uma vez que no filme de J.J. Abrams o negro é o herói e não um figurante, e uma mulher, e não um homem, é a principal guerreira da história, há uma fuga do estereótipo já construído histórica e socialmente. Tal quebra de expectativas também se configura na peça de teatro sobre o bruxo inglês, quando uma artista negra representa a protagonista que foi interpretada anteriormente em oito filmes por uma atriz branca. Esta situação se configura, ainda que fazê-la negra possa ampliar a discussão sobre sua característica de mestiça e, conseqüentemente, sobre o racismo na sociedade, o que parece ser um dos objetivos da autora da obra J.K. Rowling.

Surgem, assim, reações como o boicote ao filme *Star Wars*, em função de o ator John Boyega, protagonista do novo filme, ser negro. O boneco licenciado do personagem é o que menos vende<sup>16</sup> nas lojas, ao mesmo tempo em que a personagem Rey, a outra protagonista do filme, interpretada por Daisy Ridley, não foi disponibilizada no jogo de tabuleiro do filme. Porém, após reclamações de consumidores, o jogo passou a ser vendido com a personagem<sup>17</sup>. Também importante lembrar a já citada manifestação da autora dos livros da série *Harry Potter*, J. K. Rowling, bem como o posicionamento das atrizes Noma Dumezweni<sup>18</sup> e Emma Watson<sup>19</sup>, em relação aos questionamentos à atriz negra no papel de Hermione na peça que dá continuidade à série.

No entanto, estes questionamentos não se assumem como preconceituosos quando contestados. Aquele que age de forma preconceituosa não aceita ser visto como tal, pois parte de uma ideia de que aceita que negros e mulheres sejam visto em igualdade em relação aos demais grupos, e lhes dar tais protagonismos seria privilegiá-los. Logo, esta aceitação se dá enquanto os grupos minoritários se

<sup>16</sup> Ver “*Star Wars* – E o boneco do Finn que ninguém compra?”. Disponível em <http://www.geledes.org.br/e-o-boneco-do-finn-que-ninguem-compra/>. Acesso em 07/01/2016.

<sup>17</sup> Ver “Após reclamações, Hasbro inclui Rey em jogo de *Star Wars*” Disponível em <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/apos-reclamacoes-hasbro-inclui-rey-em-jogo-de-star-wars>. Acesso em 10/01/2016.

<sup>18</sup> Ver “Noma Dumezweni responde às críticas após ser escolhida como Hermione”. Disponível em <http://potterish.com/2016/01/noma-dumezweni-responde-a-criticas-apos-ser-escolhida-como-hermione/>. Acesso em 11/01/2016.

<sup>19</sup> Ver “Emma Watson aprova escolha de atriz negra para papel de Hermione em peça”. Disponível em <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2016/01/03/emma-watson-aprova-escolha-de-atriz-negra-para-papel-de-hermione-em-peca.htm>. Acesso em 11/01/2016.



mantêm dentro do lugar que lhes foi imposto (BHABHA, 1998).

Especialmente no Brasil, essa negação do preconceito está há muito embasada no *mito da democracia racial*, proposto por Freyre (2006). Ainda que, segundo o sociólogo, interpretada de forma equivocada<sup>20</sup>, a ideia de democracia racial é utilizada ainda hoje para ignorar, deturpar e destituir de valor as reivindicações por igualdade racial. Segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2016), o brasileiro não se considera racista porque não enxerga em si as origens do preconceito racial.

Cada país que pratica o racismo tem suas características. As características do racismo brasileiro são diferentes. Por que o brasileiro não se considera racista ou preconceituoso em termos de raça? Porque o brasileiro não se olha no espelho, nas características do seu preconceito racial. Ele se olha no espelho do sul-africano, do americano, e se vê: ‘olha, eles são racistas, eles criaram leis segregacionistas. Nós não criamos leis, não somos racistas’. Tem mais: tem o mito da democracia racial que diz que não somos racistas.

Aí se apresentam muitos problemas à discussão do racismo e à compreensão da importância da representatividade. Uma vez que não se assume o racismo, a culpa do ato preconceituoso é transferida para a vítima. Cria-se a ideia de que o racismo está na mente do próprio negro e que este se utiliza dessa construção discursiva do racismo para obter privilégios. Pratica-se o racismo a partir da própria negação do racismo.

Esta concepção, aliás, perpassa outras formas de preconceito, que não somente a racial. O preconceito, e sua negação como forma de escondê-lo, está ligado, também, à uma negação do outro, o que é inerente a qualquer forma de discriminação. Quando se cria o já citado jogo sobre o filme *Star Wars*, sem a representação da protagonista mulher, nega-se a necessidade de representação feminina e rotula-se o jogo como uma brincadeira “de menino”. As raízes do preconceito estão, portanto, na relação de alteridade, ao se comparar ao outro e rebaixá-lo.

[...] preconceito é uma ideia preconcebida, um julgamento preconcebido sobre os outros, os diferentes [...]. Não há uma sociedade que não se define em relação aos outros. E nessa definição acabamos nos colocando em uma situação etnocêntrica, achando que somos o centro do mundo, a nossa cultura é a melhor, a nossa visão do mundo é melhor, a nossa religião é a melhor, e acabamos julgando os outros de uma maneira negativa, preconcebida, sem um conhecimento objetivo. Isso é o preconceito, cuja matéria prima são as diferenças, sejam elas de cultura, de religião, de etnia, de raça no sentido sociológico da palavra, de gênero, até de idade, as econômicas. Todas as diferenças podem gerar preconceitos. (MUNANGA, 2016)

Por outro lado, para Arendt (2007), a diferença é inerente ao ser humano. Ao mesmo tempo, se não fossem iguais, os seres humanos não seriam capazes de compreenderem a si mesmos e à história. E esse duplo aspecto da diferença e da igualdade os torna singulares. Para se comunicar e se distinguir, então, os indivíduos usam da ação e do discurso. É a partir de ambos que os indivíduos se

20 Ainda se discute muito sobre a atribuição deste mito a Gilberto Freyre, ou mesmo se o sociólogo teve, de fato, a intenção de afirmá-lo nos moldes como é amplamente divulgado. Ver texto “Gilberto Freyre disse, sim, que o Brasil era uma democracia racial”, que se encontra disponível na página Opera Mundi, do site UOL, em <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/16902/gilberto+freyre+disse+sim+que+o+brasil+era+uma+democracia+racial.shtml> Acesso em 10/012016.

mostram ao mundo, revelam-se.

Voltando a Bhabha (1998), no que diz respeito ao discurso, é o discurso colonial que embasa as discriminações que aparecem nos dias de hoje. O mito histórico da pureza racial e prioridade cultural é produzido de modo a naturalizar o estereótipo então construído. Este, respondendo a características estabelecidas de acordo com o olhar do colonizador sobre o colonizado, neutraliza o colonizado em sua representação. Segundo o autor (Ibid., p. 117):

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais.

Não se permite, portanto, a representação de determinados grupos, de uma cultura outrora colonizada, a sua representação legítima, ou sem estar dentro de padrões criados para elas. Esses padrões também denotam o preconceito constituído a partir de um senso comum criado com base na experiência anterior.

Segundo Arendt (2008), o preconceito tem relação com a experiência não revista no passado. Logo, há de se buscar compreender o outro em sua diferença, evitando a formulação de juízos pré-concebidos, ou a negação de revisá-los, formulando, então, os estereótipos que pautam uma visão preconceituosa sobre o outro.

Assim sendo, para que se reveja um pensamento já estabelecido em experiências do passado, é necessário que haja uma consciência desta necessidade de rever a ideia já dada sobre o outro. Há a necessidade de um “estranhamento” das situações estabelecidas pelo preconceito para que se incite o pensamento sobre o mesmo. Nesse sentido, a reflexão pode ter, inclusive, um potencial educativo. À luz de Rosseau, Sodré (2013, p. 86) aponta que “educar equivale a iniciar a consciência na trilha de um estranhamento interno e externo (o ‘amável estrangeiro’ pensado por Rosseau), que significa a possibilidade de pensar”.

A educação pode ser uma possibilidade para que se combata os preconceitos. A partir do momento de que produções da cultura *pop* mostrar o negro e a mulher representados fora dos estereótipos uma vez construídos, o “estranhamento” causado pode levar à uma reflexão sobre o estereótipo, identidade e preconceito. Munanga (2016) diz que “a educação é um dos caminhos para combater preconceitos, não as leis”, pois a lei combate os comportamentos explícitos e concretos.

Portanto, as leis são capazes de punir as atitudes que já ocorreram, provocadas pelo preconceito, mas não tem como evitá-lo. Para de fato combatê-lo, deve se provocar a reflexão sobre ele. Obras de grande apelo de público, como *Star Wars* e *Harry Potter* talvez seja, pelo impacto cultural e popularidade que possuem, formas de se causar o estranhamento necessário à reflexão sobre raça e gênero, para que se dê o devido valor à questão da representatividade. E, assim, incluindo minorias de fato, e não incluí-los a partir do olhar colonizador, o que acaba por excluí-los em sua real identidade

e silenciá-los.

### **Considerações finais**

A necessidade de discussão sobre a representatividade de grupos considerados minoritários na sociedade é, de fato, urgente. Pois a negação dessa representatividade e, assim, a negação do outro em sua diferença quanto ao padrão hegemônico, pode levar a atos de preconceito e discursos de ódio. Além disso, se uma cultura se propõe *pop*, deve buscar respeitar a diversidade, e um dos primeiros passos para demonstrar tal respeito é buscar representar a diversidade o máximo possível. No momento em que se representam apenas grupos restritos, a cultura *pop* pode dar motivos para ser questionada pelos que não são representados, os quais, não coincidentemente, são grupos já historicamente marginalizados, o que torna a necessidade de representação ainda mais relevante.

Sendo assim, a educação é essencial para se produzir a reflexão sobre a questão da representação, bem como da construção de identidades e das relações de alteridade e preconceito. Tanto na cultura quanto na educação, se encontram muitas das possibilidades de debate sobre os temas. Afinal, esses são alguns dos principais ambientes em que se constroem identidades e se formam opiniões. A partir do momento em que se assume a opressão que certos grupos sofrem, o oprimido pode se manifestar mais abertamente, sensibilizando aquele que pertence ao grupo opressor com sua luta.

No entanto, especialmente em países que são antigas colônias como o Brasil, as questões cultural e educacional encontram um problema a mais a ser superado. Considerando as obras objeto de estudo deste artigo, que são exemplos de como a cultura estrangeira é forte em nosso país, e o modelo educacional brasileiro, que ainda é um reflexo do modelo europeu, tem de se buscar a compreensão de nossa cultura e de nossas características sociais e raciais. Assim, enxergam-se nossos próprios preconceitos e nossa própria realidade, pois muitos dos preconceitos que visualizamos na sociedade brasileira podem ter relação com essa visão “estrangeira” que temos de nós mesmos.

Portanto, embora os produtos culturais/midiáticos hegemônicos estejam já inseridos em nossa cultura e isso seja de difícil mudança, há de se tomar cuidado com os dois lados das discussões que acarretam. Se, por um lado, são, inegavelmente, produtos com grande alcance de público, o que permite debater as questões que apresentam com um grande número de pessoas, são uma maneira, de certa forma, contraditória de se abrir precedentes para a discussão de questões como identidade e preconceito. Ainda mais, se considerarmos que estamos em um país que lida de outra forma com seus preconceitos e que tem sua identidade nacional construída sobre outras referências culturais.

De todo modo, vale buscar a discussão das questões aqui propostas a partir de produções culturais brasileiras. E, assim, ver, a partir dos exemplos estrangeiros, a necessidade de valorizarmos os protagonismos negro e feminino em produções nacionais. Os pontos aqui abordados propõem uma discussão importante e necessária que, embora não tenha sido o foco do presente artigo, abre possibilidades para estudos posteriores.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Marialva Carlos. O “filósofo do sentido” e a comunicação. In: **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007.

BHABHA, Homi K. A outra questão: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

CONCEIÇÃO, Edilene Maria da; AMITRANO, Geórgia Cristina. A relação entre a identidade narrativa de Paul Ricouer e a identidade política de Hannah Arendt. In: **Revista de Estudos Filosóficos** n° 6. São João Del Rei: 2011. Disponível em [http://www.ufsj.edu.br/porta2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art4\\_rev6.pdf](http://www.ufsj.edu.br/porta2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art4_rev6.pdf). Acesso em 03/07/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: [http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/pedagogia_do_oprimido.pdf). Acesso em 11/01/2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

HALL, Stuart. Da Diáspora. A questão multicultural. In: **Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006a.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 2006b.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MUNANGA, Kabengele. “Mito da democracia faz parte da educação do brasileiro”, diz antropólogo congolês Kabengele Munanga. In: **Portal Geledés** – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/mito-da-democracia-racial-faz-parte-da-educacao-do-brasileiro-diz-antropologo-congoles-kabengele-munanga/>. Acesso em 26/01/2016.

SOARES, Thiago. Cultura pop: interfaces teóricas, abordagens possíveis. In: **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus: 2013. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0108-1.pdf>> Acesso em: 17/09/2016.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis. Vozes, 2013.